

CORPOS EM ESCREVIVÊNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O CORPO E OUTRAS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

BODIES IN WRITING-LIVING: A REFLECTION ON THE BODY AND OTHER RESISTANCE STRATEGIES

Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins¹

Sérgio Ricardo Oliveira Martins²

RESUMO: O presente artigo objetiva refletir sobre a questão da leitura e da escrita atravessadas pelo corpo feminino, como estratégia de resistência às mais variadas formas de colonialismo e dominação. Resistências que se fazem e se vivem em uma universidade composta majoritariamente por estudantes autodeclarados negros, mulheres e de famílias de baixa renda. A reflexão se faz sobre a experiência vivida no componente curricular “Seminários especiais VII: Literatura feminina negra, brasileira e africana de língua portuguesa”, em 2019, no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, localizado na cidade de Santo Amaro da Purificação. Como propósito discursivo de base tem-se as epistemologias do sul ou de enfrentamento, pois nelas se pode abrigar um espaço de escuta e de subversão ao sistema hegemônico. Na sala de aula, corpos historicamente excluídos consubstanciaram estratégias de vida e de resistência, que foram expostos em uma instalação artística. O conceito motriz da instalação foi o de “escrevivência” de Conceição Evaristo, com a pergunta norteadora: “Onde moram as mulheres negras que TE habitam?”, adaptada do prefácio escrito por Djamilia Ribeiro no livro “O olho mais azul”, de Toni Morrison. A literatura de autoria feminina e negra, compreendida como instrumento de poder discursivo, é a estratégia mais assertiva de decolonização das narrativas que tornam o corpo e a condição feminina invisíveis. Ouvir esses corpos e partilhar essas leituras foi, no mínimo, abraçar mulheres que agora habitam as vozes desse texto.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Literatura de resistência; Autoria feminina.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the issue of reading and writing, crossed by the female body, as strategy of resistance to the most varied forms of colonialism and domination.

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-9961-152X>. E-mail: waleskamartins.wm@gmail.com.

² Doutor em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo - Brasil. Professor Associado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. - Brasil ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-4838-5176>. E-mail: sergioolivemartins@gmail.com.

Resistances that are made and lived in a university composed mainly by self-declared black students, women and low-income families. That's a reflection on the experience lived in curricular topic "7th Special Seminars: Black women's, Brazilian and African Portuguese speaking", in 2019, at the Center of Culture, Languages and Applied Technologies of Federal University of Recôncavo da Bahia, in Santo Amaro da Purificação city, Bahia, Brazil. The discursive purpose is based on the epistemologies of the South or of confrontation, because they can shelter a space of listening and subversion to the hegemonic system. In the classroom, historically excluded bodies were parts of life and resistance strategies, which were exposed in an artistic installation. The driving concept of this installation was the "Writing-Living" by Conceição Evaristo, with the following guiding question, adapted from the preface written by Djamila Ribeiro in the book "The Bluest Eye", by Toni Morrison: "Where do the black women who are in YOU live?". The literature of black women authorship, as an instrument of discursive power, is the most assertive strategy of decolonization of narratives that make the body and the female condition invisible. To listen to these bodies and share these readings was, at the very least, to embrace women who now inhabit the voices of this text.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; Resistance Literature; Female Authorship.

1 INTRODUÇÃO

Para que serve a Literatura? Essa é uma pergunta que permeia tanto o cenário do senso comum quanto o acadêmico. A Literatura e seu ensino, assim como sua percepção pelo jovem, sofreram inúmeras mudanças no contexto socioeducacional. No entanto, algumas instituições de ensino, principalmente a escola, acompanharam pouco essas transformações. É inquestionável a importância da escola na formação da cidadania, mas a Educação tem passado por caminhos tortuosos e muitas disciplinas escolares ainda se apresentam desconexas e longe das realidades das(os)discentes.

A escola, como instituição de ensino, para Marisa Lajolo, foi/é a maior responsável pela consagração ou degradação do que é Literatura e de como ela deve ser transmitida (LAJOLO, 2001). A autora enfatiza que a escola é a instituição com maior grau (e não a única) de responsabilidade por colocar a literatura no circuito do gosto ou do desgosto. Contudo, é preciso refletir sobre a ideia de "instituição de ensino". Erroneamente, tem-se a percepção de que na escola, ou na universidade, haja apenas a transmissão de conhecimento, quando na verdade a interação da aprendizagem deveria passar, necessariamente, pela

realidade extraescolar da(o) aluna(o).

Um tema que extrapola o universo institucional do ensino, mas que muito pesa no cenário escolar/universitário, é a questão do corpo. É ele o primeiro a chegar, a refletir a cor, a apresentar uma lista de elementos simbólicos que serão visitados pelo olhar (e pré-julgamento) do outro. Nessa dimensão, o corpo fala e é discurso político, afetivo e performático. Sendo também discurso, tanto a leitura quanto a escrita são atravessadas pelo corpo e pelo contexto que o envolve. Isso para dizer que a questão da leitura é mais complexa e profundamente marcada pelo descompasso entre educação e as realidades vividas. A(o) estudante estará mais aberta(o) à leitura que lhe afeta os sentidos, que dialogue com seu contexto ou marca temporal.

A escrita, o corpo e a memória, segundo Isabel Allegro de Magalhães, são agentes-símbolos substanciais, originários, para uma literatura de autoria feminina (MAGALHÃES, 2005). Ou seja, essa escrita transverte a ordem hegemônica, branca e patriarcal (muito presente na literatura), uma vez que é pela/na dimensão corpórea que se materializa o espaço de escuta e de resistência. Há, segundo a autora, uma espécie de marca de individualização que diferencia essa escrita e também a sua leitura.

A literatura de autoria feminina elege os domínios da experiência, do tempo e da memória, realocando a linguagem para outro tipo de relação com o corpo, ligando-os de maneira intersubjetiva. Nesse sentido, a perspectiva de “escrevivência”, da escritora Conceição Evaristo (2007, p. 18), se aproxima dessa discussão deslocando não só o “ponto de vista” do texto, mas toda uma dimensão de escrita literária. Para ela, o “ponto de vista”, dentro da dimensão da escrita afro-brasileira, é verdadeiramente orgânico e visceral para a sua composição. Para a escritora, há um enfoque que excede a perspectiva dessa esfera e que transmuta o discurso de maneira nada espontânea: o corpo.

É a partir da “escrevivência”, que “[...] não pode ser lida como histórias

para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 20), que esse artigo pretende refletir sobre a questão da leitura e da escrita, atravessadas pelo corpo feminino, como estratégia de resistência. Vista como uma escrita visceralmente ligada com a existência/vivência (coletiva ou individual) de mulheres, e principalmente negras, a “escrevivência” é, também, estratégia de resistência política. Determinações que se fazem e se vivem no ensino superior, em um centro de ensino da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na cidade de Santo Amaro da Purificação. Essa instituição completou em 2019 doze anos de existência e é constituída por estudantes autodeclaradas(os) negras(os) (83,4%), mulheres (63,8%) oriundas(os) de famílias com renda total de até um salário mínimo e meio (82%)³. A UFRB é, predominantemente, uma universidade de mulheres, negras e pobres.

Em tempos de claro desmonte das universidades federais, a UFRB se firma na resistência, inclusão e empoderamento de jovens (e suas famílias) que acreditam, ainda e para além das dificuldades enfrentadas no dia a dia, na transformação da vida através da educação. A universidade brasileira, por tanto tempo exclusivista e excludente, abriu-se (ao menos em alguns lugares). Mas o lento reconhecimento desses corpos e suas vozes já desloca o cenário social e causa angústia, como disse Conceição Evaristo, na “Casa Grande”.

É diante dessa realidade que assumimos, como base para a construção desse artigo, a experiência do componente curricular “Seminários especiais VII: Literatura feminina negra, africana de língua portuguesa e brasileira”, realizado

³ De acordo com a “IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileira – 2014”, realizada pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) em parceria com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil (ANDIFES). Disponível <<https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemora-maioria-negra-e-pobre-no-ensino-superior>>. Acessado em 08 mar. 2020.

em 2019, no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias aplicadas (CECULT), da UFRB, em Santo Amaro-BA. Como propósito discursivo de base, tanto o referido componente quanto esse texto serviram-se de epistemologias do enfrentamento, compreendendo que há, nessa escolha e nesse lugar, um discurso decolonial que abriga um espaço de escuta e de subversão ao sistema hegemônico e colonizador (GOMES, 2012). Como proposição norteadora, temos que a experiência do corpo, perpassada pela leitura/escrita, e a memória corroboram para a construção da identidade do sujeito real, seja no ambiente acadêmico ou social.

Mesmo diante de reconhecidas lacunas, que não se completam nas linhas de um artigo, pretendemos aqui discutir vivências de enfrentamento e empoderamento, a partir das leituras de obras de autoria feminina negra, perpassando a questão do corpo num sentido de partilha significativa e sensível da ideia de “escrevivência” de Conceição Evaristo. Para alinharmos o que desenhamos no componente com as perspectivas dessa escrita, utilizaremos, tanto quanto possível, apenas referências de escritoras e pesquisadoras. Acreditamos que a leitura que se pauta aqui, e que se quer discutir, tem forte relação entre experiência (vivida ou imaginada), memória, sujeito e leitura de mundo.

2 “ONDE MORAM AS MULHERES NEGRAS QUE TE HABITAM?”: LEITURA E RESISTÊNCIA

É com o questionamento de Djamila Ribeiro, no prefácio do livro de Toni Morrison, “O olho mais azul”, que iniciamos o componente e a travessia da terceira margem: “Onde moram as mulheres negras que me habitam?” (MORRISON, 2019, p. 7). Essa pergunta, de muita afetação e sensibilidade, foi colocada como força motriz/inquietação essencial de provocação pedagógica para reflexão e debate nas aulas.

Não é difícil percebermos que há uma situação desconexa, uma fissura entre o ensino escolar e a Universidade. Há uma quebra, muito brusca, entre uma etapa e outra. A leitura de textos literários é marcadamente uma questão de “caras e bocas” (LAJOLO, 2001) para as/os discentes. E nesse momento voltamos ao questionamento inicial do artigo acompanhado de uma resposta muito comum, principalmente no Ensino Médio: “Para que serve a Literatura? Eu nunca vou usá-la”. Realmente, a Literatura não é um instrumento de aferição, nem um reagente químico, ou um tijolo. No entanto, qualquer formação profissional tem em comum o ser humano. Ela, a literatura, humaniza. E a leitura pode ser um agente potencializador de transformações. Mas, um dos problemas relacionado à dificuldade de leitura no Brasil é que se privilegiou (ou privilegia) o domínio do número e da palavra, sem também dinamizar e perceber a imagem, o contexto, a oralidade e o som.

Emaranhados pelo fio condutor da palavra ou da oralidade, a leitura, a literatura e o escrever promovem um acontecimento aparentemente simples, mas de muita potência: do sujeito se conhecer através do Outro. É só através da leitura e da oralidade/escrita que se pode transcender, aproximar-se do outro, inquietar-se, conhecer-se. A leitura é a menor distância entre você e você mesmo⁴. Contudo, é preciso orientar essa leitura que encurta distâncias. Essa lacuna, que se abre nos anos iniciais e finais da escola, se agrava na Universidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) assinalam que a Literatura deve ser integrada às aulas de leitura e que a metodologia de ensino deve considerar o caráter sociointeracionista da linguagem verbal, tendo o texto como suporte de trabalho. A partir disso é possível perceber que essa Literatura, convencionalizada no ensino escolar, é bitolada ao exercício

⁴ *Slogan* do projeto “Encontre-se” idealizado pela TAG – Experiências literárias (2020), em função do isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19. Esse projeto busca aproximar leitores e autores para refletir sobre a importância da leitura e da literatura.

reprodutivo e vazio do “ler”, e que privilegia a escrita em detrimento da oralidade, da leitura das imagens e das paisagens sonoras. A Literatura que humaniza e transforma relativiza o conceito de tempo e espaço, de nome e objeto, apresentando aos sujeitos as múltiplas possibilidades de afetações do mundo. Ela exprime a artificialidade e a instabilidade das relações, instaura o desconforto, propõe-se como questionamento contínuo.

Ao colocarmos a proposição do corpo na leitura e na escrita dos textos literários o diálogo se abre de forma mais intensa. A escritora Conceição Evaristo, em sua tese de doutorado, ao falar da conformação da literatura afro-brasileira, afirma que:

Ele [o ponto de vista] tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. [...] E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvincula totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora? (EVARISTO, 2009, p. 18).

A dimensão corpórea, posta em toda sua escrita, coloca Conceição Evaristo no espaço de um individualismo coletivo. Assim como Maya Angelou, Tony Morrison, Chimamanda ou Noémia de Sousa (para citar poucos exemplos), Evaristo é, na atualidade, aquela voz singular que conclama um “nós”. A escrita, essa constituição física volúvel e experiência primária da escritora, empresta outro paradigma para o diálogo com o “ponto de vista”, enaltecendo o corpo e a subjetividade como marca de “seu criador ou criadora”. Para Conceição Evaristo, a materialidade e a condição do corpo em discurso, ou da estrutura

corpórea que carrega a escrita, é o que enreda com a sua poética “como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra” (EVARISTO, 2007, p. 18).

Buchi Emecheta com “As alegrias da Maternidade” e “Cidadã de segunda classe”; Maya Angelou com “Eu sei porque o pássaro canta na gaiola”; Conceição Evaristo com “Insubmissas lágrimas de mulheres” (contos escolhidos); Tony Morrison com “O olho mais azul”; Dina Salústio (poemas escolhidos); Alda Espírito Santo (poemas escolhidos); Chimamanda Ngozi Adichie com “No seu pescoço” (contos escolhidos), Maria Odete da Costa Soares Semedo (poemas escolhidos); Lívia Natália (poemas escolhidos); Elisa Lucinda (poemas escolhidos); Mel Duarte (poemas e *slam* escolhidos) – corpos em escrita e oralidade, “escrevivências” em ritmos, tambores e ancestralidades. Cada uma delas atravessou, de maneira intensa, os corpos historicamente excluídos.

Pisando forte no chão de massapê de Santo Amaro, corpos jovens e na melhor idade dialogavam abertamente (não sem ambivalências e divergências) sobre todos os temas de cada escrita. Obviamente que todo recorte pressupõe um risco e deixa de lado escolhas igualmente importantes. No entanto, para minimizar essa lacuna, as estudantes traziam suas leituras e cosiam os diálogos com linhas fortes, sensíveis, sem hierarquia de geração, de suporte midiático, de cor, de gênero (literário ou não) – um grande espaço de escuta e afetação mútua.

Na sala de aula, a proposta era, pela leitura, provocar corpos historicamente excluídos a trazerem e discutirem estratégias de viver e resistir. Esse grupo de leitoras era formado apenas por mulheres, negras e brancas, com idade entre 19 e 60 anos⁵. Moradoras de Santo Amaro (em sua maior parte),

⁵ Pelo protagonismo, em corpo e voz, para além da proposta de um componente curricular, utilizaremos também os termos “grupo de leitoras” e “grupo de mulheres” para designar essas discentes, por entendermos que essa experiência extrapolou as cadeiras. Vale salientar que o componente curricular não limitou suas vagas para mulheres. Curiosamente, nesse ano, apenas elas se matricularam.

cidade entre as mais representativas da paisagem sociocultural do Recôncavo da Bahia, essas vozes expressivas de corpos diaspóricos são feitas também de travessias de ideias, de narrativas, de imagens e de vontades de resistir através/pela expressão ancestral. Essa valorização das travessias, das vozes, dessa memória ancestral e da vivência cotidiana reforça a identidade cultural e étnica delas e de Santo Amaro.

A força motriz de provocação foi da “escrevivência” de Conceição Evaristo, com a pergunta norteadora: “Onde moram as mulheres negras que TE habitam?”, alterado do prefácio escrito por Djamilá Ribeiro no livro “O olho mais azul”, de Toni Morrison. Para iniciarmos a costura, cada leitora ficou com um livro (que mudava de mão sempre que a leitura era concluída) e a escolha de um ou mais poemas. As aulas iniciais foram dedicadas à sensibilização poética. Começamos com o texto/depoimento “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita” (2007), de Conceição Evaristo. Nesse manifesto de amor à escrita, à ancestralidade e ao corpo, a autora rememora o gesto da mãe que escreve-desenha o Sol, na esperança da presentificação do acontecimento solar – sua primeira lição ritualística de escrita.

Para a escritora, houve nesse silêncio gráfico de escrita da mãe a presentificação do símbolo-traço Sol - uma potência narrativa que ultrapassou os limites da sua percepção de vida e que marca sua poética. Essa escrita-movimento-corpo, evocada pela lembrança diferencial do gesto da mãe, conjura a presença da coisa em si: “[m]inha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles” (EVARISTO, 2007, p. 18). Esse gesto-escrita ancestral materno não é só ensinamento de vida, mas a própria experimentação do acontecimento, uma metalinguagem poética que

materializa esse movimento *entre* corpos e urgências, entre a vivência e a ficção. A ideia de “escrevivência” transitou na sala de aula não na tranquilidade, mas na instabilidade dos caminhos singulares de vivências de corpos refletidos na/pela escrita/leitura.

Como olhos de mulheres sempre em vigília e atentos aos detalhes do corpo, das vozes e da cura que vem pelo fogo que não apraz⁶, esse grupo de mulheres fez leituras pertinentes de obras densas como, por exemplo, “Cidadã de segunda classe” e “As alegrias da maternidade”, ambas de Buchi Emecheta. Para sairmos da superficial dicotomia mulher versus homem, que em nada contribui para uma discussão profunda do corpo e da condição da mulher, costumamos o debate dos livros com o texto de Bibi Bakare-Yusuf, “Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana” (2003), e com o posicionamento da historiadora brasileira Rachel Soihet (1997). Para a historiadora, é preciso superar a dicotomia entre vitimização/sucesso da condição feminina, comumente explorada nos discursos literários, para que se possa ampliar as abordagens teóricas e metodológicas de um universo já estrangulado por estereótipos. Como transverter esse discurso perpetuado por tanto tempo? No debate, o grupo de leitoras concordou com a asserção de Bibi Bakare-Yusuf (2003, p.04) de que,

Se assumirmos que as mulheres são automaticamente vítimas e os homens vitimizadores, caímos na armadilha de confirmar os próprios sistemas aos quais propusemos criticar. Falhamos em reconhecer como agentes sociais podem desafiar de maneiras complexas as suas posições e identidades atribuídas e, indiretamente, ajudamos a reificar ou totalizar instituições e relações opressivas. Ao invés de ver o patriarcado como um sistema fixo e monolítico, seria mais útil mostrar como o patriarcado é constantemente contestado e reconstituído.

⁶ Construção textual alusiva aos poemas “A noite não adormece nos olhos das mulheres” e “Do fogo que arde em mim”, ambos de Conceição Evaristo, disponíveis em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>>.

Assim, o debate caminhava para ambivalências entre o contexto de cada uma – seja no âmbito acadêmico, pessoal, familiar – e a diegese das obras. Nesse caminho, discutimos personagens importantes e que aprofundam essa dissociação entre vítimas e vitimizadores, mas partilhando da ideia de que existe sim um sistema opressor diluído em diversas esferas da sociedade.

Diante da leitura de obras com autorias femininas⁷, as discentes puderam perceber que há idiosincrasias que marcam um universo atravessado por experiências diferenciadas do corpo, mas não na sexualidade ou no gênero. São obras que oferecem um corpo/discurso não só como inquietude discursiva, mas como um rompimento dos limites canônicos, hegemônicos, ocidentais. Essa leitura propõe uma inversão para novas crônicas de vida e de escrita, um discurso de empoderamento e de reformulação da historicidade em todas as dimensões.

A literatura, bem como sua leitura, é espaço dialógico, é cisão do/no tempo e do/no espaço do *continuum* ordinário, é exposição de experiências, conflitos, identidades, tensões e vozes. As literaturas que surgem em vozes discursivas inarmônicas estão fora do eixo canônico, chamadas agora de literatura de enfrentamento. Nessa proposição, elas são um chamamento quase que inevitável de exposição das marcas da memória daquela(e) que foi colonizada(o), e não mais do colonizador. Isso não pode ser chamado de transgressão, mas de legitimidade. E cada vez mais há urgência em responder a esse chamado, com voz/escrita de autoria feminina, principalmente de mulheres negras (e de trans, *queer*, LGBTQI+, etc.).

As leituras das obras eram feitas em casa, mas a leitura dos textos mais

⁷ O presente artigo se evade, até por conta do espaço de escrita, de uma discussão (válida e muito pertinente) sobre a diferença entre os termos “literatura feminina”, “escrita feminista”, “literatura assexuada”, “literatura de autoria feminista”, entre outros, pois se propõe a um recorte mais específico.

teóricos feitos em sala. Falar sobre literatura de autoria feminina e negra é dialogar, também, sobre gênero e classe, sobre o chamamento que essa leitura constrói enquanto dimensão política e desobediência discursiva. Assim, na literatura brasileira contemporânea,

[...] com repercussões internacionais, no plano ficcional, surge uma voz ativa por meio da qual sobressai, quase sempre, o sentimento de inconformidade com os espaços reais e literários relegados às mulheres. É num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, re-escreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se. Esta literatura é algumas vezes chamada de intimista, talvez por abrir frestas, janelas e portas, escancarando para o exterior os sons da “não fala”, profanando o confinamento do silêncio. Traz a público as experiências com perfis, contornos e timbres específicos que tomam de assalto esse território. Com esta ação, a escrita feminina institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero ao grafar uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e a autoimagem da mulher (ALVES, 2009, p. 183).

Não há mais lugar para o silêncio da literatura de autoria feminina e negra, ou para a literatura de enfrentamento. Contudo, é possível se discutir o silenciamento, a desigualdade sexual e a diferença sexual. As esferas de controle social, que pretendem controlar essas dimensões das desigualdades, se esforçam para perpetuar uma equivalência. Subverter a ideia de vitimização das mulheres (sem nunca esquecer, claro, que há inúmeros agentes de agressão), principalmente nas representações de personagens femininas, é colocar as literaturas de autoria feminina, sobretudo negra, como articuladoras de uma (re)escrita de temáticas de *topoi* masculino. É sobre isso também que Bibi Bakare-Yusuf (2003) fala.

No transcurso das aulas, abrimos a discussão sobre literatura africana pós-colonial, literatura de autoria feminina e negra, bem como os mecanismos literários que estruturam a narrativa e a poética. As discentes reconheceram a

necessidade do distanciamento entre ficção e realidade, e que há uma linha muito tênue nessa separação. A teórica cultural Glória Anzaldúa, em seu manifesto/ensaio/chamamento “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” ressalta:

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. [...] O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

Esse momento de escolha, muito sutil no movimento de refusão, retomadas e reconstruções da escrita, abre potencialidades dialógicas entre o ficcional e o corpo. Foi por esse caminho que o componente e as estudantes se viram no lugar de (des)conforto e (des)confiança. Nos livros debatidos, nos espaços em que cada uma apresentava uma obra, a fissura do cotidiano se tornava mais evidente. A leitura de textos (narrativo ou poético) da literatura africana de língua oficial portuguesa (primeira experiência das discentes) e afrodescendente, não só despertou sentimentos de pertença, como escancarou vozes silenciadas (das discentes), acionando uma identidade em reflexo e em reflexão.

Esse lugar de escuta e de partilha foi, na estrutura mínima do discurso e da ação, um posicionamento político de oposição ao discurso colonial, como também um repensar nos modelos de subalternidades e de silenciamentos. Essa discussão, acionada pela leitura, por exemplo, do “Insubmissas lágrimas de mulheres” de Conceição Evaristo, de poemas de Dina Salústio, Lívia Natália, Elisa Lucinda, Mel Duarte, Alda Espírito Santo e os contos de Chimamanda Ngozi Adichie, foi mais do que uma experiência didática, foi uma ação propositiva no sentido de trazer, pela literatura, temáticas de mulheres negras na

contemporaneidade.

A escrita de autoria feminina na literatura, principalmente negra, é lugar de práticas epistemológicas e metodologias de resistências aos lugares habituais e ocidentalmente hegemônicos, ao *topoi* masculino ou aos insistentes discursos colonizadores, sempre camuflados em uma “pseudodemocracia” (PEREIRA, 2016, p. 182). Há, na atualidade, inúmeros livros que corroboram a urgência de discursos de reposicionamento e reconstrução do chamado cânone. Obras como “Sócrates e Orunmila: os dois patronos da filosofia clássica” de Sophie Oluwole; “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak; “Crítica da Razão Negra” de Achille Mbembe; “A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami” de Davi Kopenawa e Bruce Albert; “Planetas sem boca” de Hugo Achugar, por exemplo, ajuntam-se aos que fazem parte de uma desobediência enunciativa, de compreender e praticar epistemologias ditas fora do eixo, da margem e do poder hegemônico.

Para Níncia Teixeira (2008), há na escrita de autoria feminina um processo de reconfiguração do universo feminino, que obviamente ultrapassa a pejorativa “escrita de mulherzinha”, bem como uma reconstrução, ou recuperação, de experiências sociais e de vivência corporal que durante muito tempo foi silenciada. Conceição Evaristo, nesse sentido, procura a essência que perpassa não só a escrita, mas também que atravessa o corpo e a experiência única dessa vivência. Para a escritora africana-italiana-brasileira Marina Colasanti, por exemplo,

Escrever, como já foi dito infinitas vezes, é assumir todas as formas, é ser homem, é ser mulher, é ser animal e pedra. O escritor, como o deus marinho Proteu, é criatura cambiante. Mas Proteu mudava apenas de aparência, para iludir outros e esconder-se, enquanto o escritor busca na metamorfose a essência, para entregar-se. E o que sinto em mim, quando diante do computador busco a essência do homem, a essência profunda do animal e da pedra, que me permitirá escrevê-los, o que sinto, intensamente, é que eu a procuro dentro de mim, através de mim, através da minha própria, mas profunda essência. E que essa é, antes de mais nada, uma essência de mulher

(COLASANTI, 1997, p. 42).

Essa substância flutuante, que em si é insubsistente, que busca e ao mesmo tempo se descobre, é o próprio movimento da escrita que se projeta para fora do eixo corpóreo. Quando as palavras anunciam a essência, a escrita se torna o desenho de toda a ancestralidade carregada, como mostrou a grafia materna de Conceição Evaristo, de todos os desconfortos sociais, de todas as resistências ao colonial e subalternizante. Pensar a escrita de autoria feminina como projeto literário é propiciar desconfortos de posicionamentos fortes e discutir projetos político-sociais. É inverter não só a historicidade ocidental literária, mas rasurá-la de maneira emancipatória.

Assim, na perspectiva da emancipação da escrita e do corpo, as discentes se permitiram expor suas subjetividades em uma instalação performática. Logo na entrada da sala, preparada por esse grupo de mulheres, havia a seguinte projeção (imagem 1):



Imagem 1 – Projeção utilizada na recepção ao público.

Fonte: arquivo pessoal (2019).

Ao se colocarem lado a lado com as escritoras, as discentes já apontavam

uma escrita de empoderamento. Elas redimensionaram o lugar de fala. Essa primeira e, aparentemente, simples movimentação já evidenciava uma “escrevivência”. Os corpos e as experiências que moldaram a escrita e a performance dessas mulheres discentes extrapolaram a simples leitura. Cada discente apresentou um pedaço de si perpassado por uma obra⁸. Toda a sala foi preparada para uma ambientação aconchegante e de partilha. Em cada ponto da sala o público⁹ era envolvido com alguma movimentação poética. Inicialmente se pretendia um ambiente hermético, claustrofóbico, para sugerir a complexidade e a angústia que esse corpo de mulher sente cotidianamente. No entanto, o sentimento de partilha e de resistência contornou essa perspectiva e a ambientação ganhou a esfera do acolhimento (imagem 2).

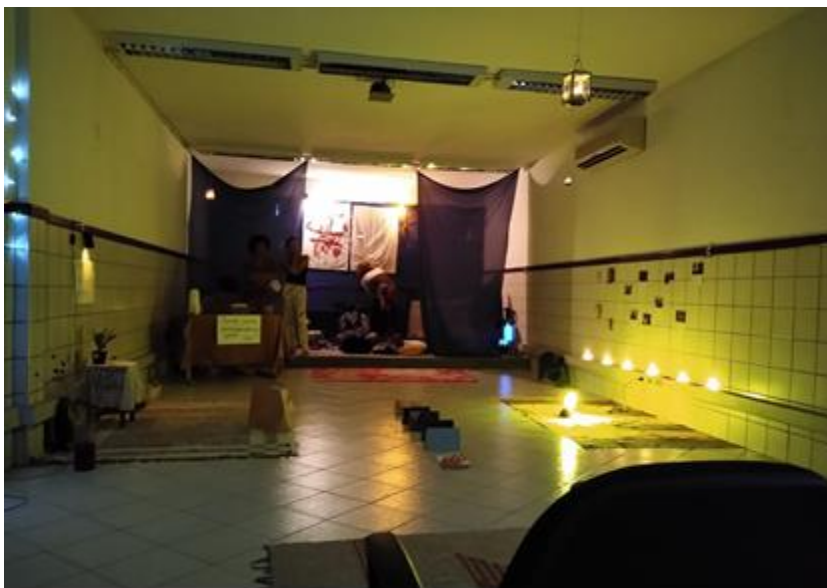


Imagem 2 - Preparação e ambientação da sala.

Fonte: arquivo pessoal (2019).

⁸ Infelizmente não será possível apresentar todas as composições, por conta dos limites da escrita.

⁹ Discentes e docentes convidados de outros cursos do CECULT.

Uma das composições de “escrevivência” foi uma exposição fotográfica (na imagem 2, na parede, do lado direito) em que a discente, com base nas leituras de “Insubmissas lágrimas de mulheres” (obra que mais a tocou), de Conceição Evaristo, percorreu a feira livre de Santo Amaro para responder a pergunta norteadora. No caminho da sua escrita-imagem, a discente colocou, em algumas fotos, uma passagem do livro de Conceição. O barbante não ligava apenas imagens, mas amarrava histórias de vidas atravessadas pelo cotidiano do trabalho, da maternidade, do corpo da mulher negra.

Em outra, inspirada no conceito de “palavra(ação)”, trabalhado na tese de doutorado de Conceição Evaristo (2011), outra discente pintou, bordou e costurou um painel (imagem 3). No painel é possível ler, saindo do mar manchado de sangue (para a discente se tratava do Navio Negreiro), “palavrAção/dominAção”. A ideia de “palavra(ação)”, tratada por Conceição Evaristo, é uma articulação de proposições:

Apropriando-me das ideias de Santiago, quando o crítico diz que “Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra” e que “falar é a própria práxis”, como define Orlandi e ainda que “dizer é fazer”, conforme postula Austin, quero acrescentar ao pensamento dos três, o significado do ato de enunciação, nas culturas tradicionais africanas. Ali a palavra com o seu valor performático é a potência que rege o mundo. A palavra tem a força de fazer acontecer, sendo premonitória, inclusive. Esse modo de valorização e de entendimento da força do dizer, da potência da palavra foi incorporado conscientemente, pelos autores, nos textos poéticos, utilizados nessa tese. Portanto, a leitura dos textos literários selecionados, em muitos momentos, aproveitará os princípios de interação e de intersecção de sentidos existentes entre: *falar/escrever/dizer/fazer* e *falar/fazer acontecer* conforme postula certa tradição africana (EVARISTO, 2011, p. 10 – destaque da autora).



Imagem 3 - Detalhe do painel.

Fonte: arquivo pessoal (2019).

É nesse caminho que se constrói, também, a linha da “escrevivência”. Essa discussão sobre o poder de ação da palavra proferida, que possui um longo caminho ocidental, foi invertida e iniciada nesse componente com a seguinte fábula africana, lida por uma discente Ìyálôrisà:

Conta o mito que Ogum depois de longa ausência de seu reino, Irê, volta para visitar seu filho. No momento em que regressou, uma festa estava sendo dada na cidade e durante a cerimônia os participantes não podiam emitir uma palavra sequer. Ogum tinha fome e sede. Ao ver vários potes de vinho de palma resolve bebê-los. Os potes, porém, estavam vazios. Ninguém tinha percebido a chegada de Ogum e como também não lhe haviam reconhecido. Ogum, cuja paciência é pequena, enfureceu-se com o silêncio geral, por ele considerado ofensivo. Enfurecido, quebrou os potes e cortou a cabeça das pessoas, que estavam mais próximas, com seu sabre. Seu filho aparece para acalmá-lo oferecendo-lhe comida. Ogum lamenta seus próprios atos de violência, baixa seu sabre em direção ao chão e

some terra adentro. Ao desaparecer pronunciou algumas palavras. A repetição dessas palavras durante uma batalha é um pedido de auxílio a Ogum. E o orixá virá em socorro de quem o chamou. Porém, elas (as palavras) não podem ser usadas em outras circunstâncias, pois, se não encontra inimigos diante de si, é sobre o imprudente que Ogum se lançará (NOGUEIRA, 2019, p. 162).

A potência da palavra, sua metamorfose em ação, fecunda a leitura e a escrita. Lançada em performance, em bordados, em cartas lidas para outras, em fotografias ou projeções midiáticas, as perspectivas da “palavra(ação)” e “escrevivência” de Conceição Evaristo fizeram muito mais do que sentido para as discentes, abriram um lugar de escuta, de confidências, de discussão política e do corpo. Para Evaristo, a ideia de “palavra(ação)”, principalmente na poética, transforma-se em ação política, pois “[f]alar é fazer, enquanto vozes representativas daqueles que nunca se calaram, apenas recolheram as palavras e gestos na tática defensiva (e ofensiva) de preparar o tempo propício de soltar o corpo-verbo” (EVARISTO, 2011, p. 163). E essas vozes-corpo-verbo falaram.

O público, discentes e docentes de outros cursos, foi inundado por escritas, performances, leituras, fotos, projeções. Os corpos, em troca contínua com o público, completaram o sentido do componente, cujo diálogo habitou nas divergências, similitudes e ambivalências. Contudo, como salienta Liane Schneider (2007), é preciso compreender que a literatura de escrita feminina, para que seja profunda e empática, precisa compor uma teia de relações, de temáticas e discussões que mostrem todas as inquietações que tecem os contextos culturais, sociais e políticos que envolvem o corpo e a mulher. Sair de uma literatura binária, cuja visão naturaliza (e até mesmo ridiculariza) o universo feminino, é carregar para a leitura um corpo crítico, subversivo e de consciência política.

Se voltarmos ao grafia-desenho de Conceição Evaristo e sua perspectiva de “escrevivência”, percebemos que não é só a escrita que se torna movimento e expressão dessa vivência do corpo crítico. A instalação artística dessas

mulheres leitoras mostrou suas inquietações e realocou o corpo como questão, expressando suas vivências em múltiplas faces performáticas e subjetivas. E não é essa a substância da “escrevivência”? Ao pensar sobre essa escrita, e principalmente na trajetória das escritoras e das personagens femininas na literatura brasileira, Conceição Evaristo anuncia:

Estaria a literatura procurando apagar os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira? O imaginário da literatura tenderia a ignorar o papel da mulher negra na formação da cultura nacional? Entretanto, com bem menos visibilidade, existe, no interior mesmo da literatura brasileira, uma gama de produções que vêm se afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado ao compor personagens negras e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil. Constitui-se como uma escrita que corresponde ao que Homi Bhabha fala da poesia do colonizado. Essa não só encena o “direito de significar” como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo (EVARISTO, 2009, p. 24).

A leitura de obras de autoria feminina negra é gesto de teimosia, é movimento de vingança pelo silenciamento, é inverter e criticar a invisibilidade social e física da mulher negra (não só da mulher, mas da lésbica, da trans, do *queer*, etc.). Sem tocarmos diretamente em questões como patriarcado ou gênero, as obras trazidas para o componente invocavam reflexões sobre essas temáticas. Se pensarmos no conceito de gênero, por exemplo, as leituras de Chimamanda, de Mel Duarte, de Lívia Natália, de Dina Salústio e Elisa Lucinda propõem discussões interessantes para se refletir sobre o pluralismo do conceito, principalmente na dimensão do feminismo negro.

O gênero foi (ou ainda é) tomado como conceito universal de particularidades brancas e hegemonicamente dotado de diferenças claras no jogo/poder de fala. Nesse caminho, trouxemos para o diálogo Bibi Bakare-Yusuf (2003) e a pesquisadora feminista nigeriana Oyèronké Oyěwùmí (1997) que

discutem a universalização imposta pelas urgências feministas ocidentais¹⁰. Para Oyèronké (1997), há, nos estudos ocidentais do gênero, uma primazia da construção e discussão dos corpos na esfera da visão, do aspecto físico do corpo social e “bio-lógico”. O olhar busca ou percebe o mundo e o corpo na perspectiva da diferenciação - que normalmente é negativa. Esse olhar rastreia as lacunas no sujeito e não transita na empatia, na alteridade que constrói o sujeito enquanto cidadã(o). Essa dimensão do olhar, em que se pode ler o corpo como texto, não ampara outras e inúmeras culturas dos povos africanos, por exemplo.

Outra epistemologia se faz necessária para sentir esse mundo que cerca esse corpo, direcionada para o que a escritora chama de “cosmopercepção” (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 03). A noção de pessoa, em muitas sociedades africanas, passa muito longe da concepção ocidental. Há outras camadas nessa construção que não passa pelo sentido do olhar (apenas). Na pauta das discussões do feminismo negro, a questão do corpo é importante, mas as dimensões sócio-históricas e econômicas que circundam e que moldam essa construção corpórea são fundamentais para se discutir o gênero. Essas temáticas e essas discussões também foram pautadas e trazidas pelas discentes.

Depois das apresentações, o público foi convidado para uma “roda de conversa/escuta” comandada por essas leitoras. Uma troca subjetiva, aberta e muito emocionante (imagem 4). O diálogo construído nesse lugar de fala e de escuta, nessa pequena sala, mostrou que a literatura de autoria feminina e negra foi/é espaço de rupturas e subversão do cânone. Mas não só. Essas leituras, essa exposição do corpo e do aprendizado, esses diálogos cúmplices e sentimentos partilhados de corpos socialmente excluídos se configuram como poderosas formas e estratégias de resistência, e de sobrevivência.

¹⁰ Por conta do espaço de escrita, limitaremos essa discussão (muito pertinente) a um recorte sucinto.



Imagem 4 - Roda de conversa/escuta entre discentes.

Fonte: arquivo pessoal (2019).

Esse momento da conversa, atravessado pela literatura, acionou reflexões profundas de uma complexidade social que se vive em cidades do interior, em lugares que o poder público fez e faz questão de esquecer. Esse pequeno espaço de diálogo foi uma ação que fez as(os) discentes repensarem nos modelos de subalternidades e de silenciamentos impostos ou configurados em novas fachadas. Nesse contexto, concordamos com as proposições da intelectual e ativista Lélia Gonzalez: a sociedade brasileira precisa refletir e assumir, definitivamente, uma atitude ética e proativa sobre a excessiva e complexa desigualdade racial e as inúmeras contradições internas da estrutura social brasileira. É só a partir dessa reflexão (em ação) que se caminhará para um efetivo enfrentamento do racismo e do sexismo no Brasil. (GONZALEZ, 2011)

É por esse viés que a ideia de “escrevivência” dialoga com um reposicionamento político e reacionário da estrutura social no Brasil. Ao assumir o contexto social, econômico e cultural desse corpo em escrita,

Conceição Evaristo coloca a literatura também na dimensão política e humanizadora. Essa escrita, que é caminho de pluralidades de pontes e vestígios ancestrais, como discurso literário de enfrentamento e de inversões, se estabelece na fronteira entre tempo, realidade e ficção revelando uma literatura onde “habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que cria a imagem discursiva na encruzilhada entre história e literatura, unindo a casa e o mundo” (BHABHA, 1998, p. 35). Essa casa que reverbera um mundo é uma literatura transformável e transformadora - e que está muito longe de entrar numa pauta política séria da Educação no Brasil.

Por fim, não tivemos receio em afirmar a essencial importância da mulher na edificação de uma verdadeira sociedade ética e cidadã. Não hesitamos em concordar com a pesquisadora Ana Rita Santiago da Silva (2010, p. 23):

Certamente, vale ressaltar que a ‘literatura feminina’ não se configura por tentar sobrepor-se àquela produzida pelos homens ou pelo seu estilo e forma, ou como expressão de uma possível ‘subjetividade feminina’, ou ainda tão somente por ser escrita por mulheres, mas pelas suas temáticas e representações de personagens femininas, tensionadas e nutridas pelos desejos de autonomias políticas e culturais e pelos anseios por conquistas do espaço público. Desse modo, é uma textualidade que se pretende ‘transgressora’ e ‘revolucionária’, uma vez que almeja quebrar com tramas opressivas e de aprisionamentos do pensamento masculino, já postos pela linguagem, por conseguinte pela comunicação, concepções de mundo e pelas relações de poder.

3 CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

No decorrer do componente, os encontros sempre começavam com a fala das discentes; oportunidade de revisar ideias, conceitos e correlações. As discussões fluíram ao ritmo determinado pelas inquietações e expectativas colocadas pelas leituras feitas e por algumas composições textuais motivadas pela necessidade de compartilhar experiências. Essas “escrevivências”

voluntárias e inesperadas fizeram o componente transcender o objetivo estritamente pedagógico limitado ao cumprimento de uma ementa curricular. E é no mesmo espírito do início do componente que daremos, mais essa vez, a voz a uma dessas mulheres leitoras¹¹:

Eu tenho que compartilhar um pouco da “Balbúrdia” que MULHERES NEGRAS fazem nas universidades públicas, [sic] fazemos “balbúrdia” quando nos propomos a ir para a academia e levar nossas histórias para lá como ciência, quando escolhemos levar as mulheres que nos habitam, que lutam constantemente pra permanecerem diante de todo racismo instaurado contra nós. [...] Como luta social trago as mulheres do núcleo de Mulheres quilombolas Marias Filipas, trago Maria Filipo, trago Dandara, trago tantas outras que em mim habitam, me trago enquanto mulher negra.

Algumas das discentes que habitam esse texto (e me habitam) antes das apresentações.



Fonte: arquivo pessoal (2019).

¹¹ Depoimento postado em rede social por uma das discentes participantes do componente.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, 2000. Disponível: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acessado em 04/08/2020.

ALVES, Miriam. A Literatura Negra Feminina no Brasil – pensando a existência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros(as)*, v. 1, n. 3, p. 181-189. Goiânia: UFG, fev. 2011. Disponível: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/280>>. Acessado em 04/08/2020.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BAKARE-YUSUF, Bibi. Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana. Trad. Aline Matos da Rocha e Emival Ramos para uso didático. BAKARE-YUSUF, Bibi. Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence. *Feminist Africa*, Issue 2, 2003. Disponível: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/bibi_bakare-yusuf_-_al%C3%A9m_do_determinismo._a_fenomenologia_da_exist%C3%Aancia_feminina_africana.pdf>. Acessado em 04/08/2020.

BRASIL. MEC/CNE. Parâmetros Curriculares. Brasília, 2001.

COLASANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos. In: SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 33-42.

EVARISTO, Conceição. Da Grafia-Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, v. 13, n. 25, p. 17-31. Belo Horizonte: Centro de estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas, 2009. Disponível: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acessado em 04/08/2020.

EVARISTO, Conceição. *Poemas malungos – Cânticos irmãos*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de

Letras, Universidade Federal Fluminense, 2011.

GOMES, Fulvio M. As epistemologias do sul de Boaventura de Sousa Santos: por um resgate do sul global. *Revista Páginas de Filosofia*, v. 4, n. 2, p. 39-54. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012. Disponível: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PF/article/view/3749>>. Acessado em 04/08/2020.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino*, São Paulo, n. 1, 2011.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

MAGALHÃES, Isabel A. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diótima. In: MINGOCHO, M. T. D (Org.). *Actas do Colóquio "Escrita de Mulheres"*. Coimbra: Minerva, 2005. p. 9-23.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Trad. Manoel Paulo Ferreira, prefácio de Djamila Ribeiro e posfácio da autora. São Paulo: Companhia das Letras/TAG Curadoria, 2019.

NOGUEIRA, Walter José Fachetti. *A Umbanda e seus mistérios*. Santa Catarina: Clube de Autores, 2019.

OYĚWŪMI, Oyèrónké. *Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos*. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento. OYĚWŪMI, Oyèrónké. Visualizing the body: theories and African subjects. In: OYĚWŪMI, Oyèrónké. *The invention of women: making na african sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. p. 1-30.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. *Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros (Contos): Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, História da Literatura, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande do Sul, 2016.

SCHNEIDER, Liane. *Literatura de mulheres, literatura feminista ou escrita feminina: sinônimos ou áreas de tensão?*. Brasília: UnB, 2007.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. *Fólio – Revista de Letras*, v. 2, n. 1, p. 20-37. Vitória da Conquista: PPGLCEL, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB, jan./jun. 2010. Disponível: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3622/2995>>. Acessado em 13/03/2020.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997. p.

95-114.

TEIXEIRA, Níncia C. R. B. *Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses*. Guarapuava: Unicentro, 2008.

Recebido em 15/04/2020.

Aceito em 30/07/2020.